

“O Dia Depois de Amanhã”: da ficção à realidade¹

Marbenes Maria MAIA²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Resumo

O presente trabalho tem como escopo principal estabelecer relações e conexões entre os elementos argumentativos contidos no discurso do roteiro do filme “O Dia Depois de Amanhã” e a realidade planetária, identificando momentos em que ocorre a intersecção entre ficção e realidade e demonstrar que o cinema, além de entretenimento, é uma arte de pensar e reflexionar uma dada realidade.

Palavras-chave: ficção, realidade, aquecimento global, meio-ambiente.

O filme “O Dia Depois de Amanhã” é uma ficção cujo roteiro se apóia em uma realidade previsível, mas que não se sabe ao certo se será tão catastrófica e tão repentina quanto retratada no filme. É claro que, como se trata de uma produção hollywoodiana e do gênero “cinema catástrofe”, já seria de se esperar que o exagero de uma hecatombe glacial e o festival de efeitos especiais sejam ingredientes fortes e muito presentes no script.

O objetivo aqui não é avaliar o filme ou realizar uma crítica cinematográfica. É, na verdade, tratar dos aspectos ambientais, políticos e éticos presentes na história e apreciar analiticamente os pontos da história que estabelecem conexão com a realidade, reflexionar sobre um futuro que sabemos factível (e que dissimuladamente ignoramos ou fingimos ignorar), caso a humanidade não manifeste atitude em face da transformação planetária decorrente das mudanças climáticas e dos bruscos fenômenos naturais provocados pelo aquecimento global que ocorrem pontualmente em diversas partes do planeta.

“O Dia Depois de Amanhã” foi realizado para faturar bilheteria, para cumprir sua finalidade enquanto produto de consumo, mas também soa como sinal de alerta, como chamamento à ponderação e ao despertar de uma consciência ambiental. Cabe-

¹ Trabalho apresentado no GT – Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento integrante do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 2º semestre do Curso de Comunicação Social da UERN. marbenes@hotmail.com
Sob orientação da Profa. Dra. Marcília Gomes.

nos, aqui, confrontar as idéias e imagens do filme com o conhecimento literário e científico disponível sobre o assunto.

1. O Econômico e o meio ambiente:

Eis o grande apelo moralista do filme: demorou, mas o planeta Terra vai se vingar dos humanos. O Japão é atingido por uma tempestade que faz cair do céu pedras de gelo do tamanho de laranjas, e neva na Índia, onde, em uma conferência que trata do meio ambiente, comparece um climatologista do governo norte-americano, cujas pesquisas indicam que o aquecimento global pode gerar uma catastrófica mudança no clima do planeta, para fazer um alerta. O climatologista Jack Hall (personagem vivido por Dennis Quaid) tenta alertar chefes de Estado sobre uma catástrofe ambiental iminente. Tentando evitar que isso aconteça, Jack implora às nações que procurem trabalhar contra isso. Como acontece na realidade, os avisos do climatologista são contestados justamente pelo governo dos EUA, na figura do vice-presidente que se recusa a alterar sua política econômica. O vice-presidente norte-americano afirma que assinar o protocolo de Kyoto (que regula as emissões de dióxido de carbono no planeta) seria amarrar a economia do país – e ele prefere as verdinhas das notas de dólar ao verde das florestas – além de argumentar que os “estudos não comprovam nada” e, além disso, “o impacto sobre a economia seria superior ao impacto ambiental”.

É importante considerar que o ambiente natural está sujeito a finitudes. Os chamados “recursos não-renováveis”, claro, por definição, esgotam-se. E os “renováveis”, tornam-se escassos. Existirá um momento – impreciso e inimaginável – que o planeta não reunirá mais condições de fornecer todo o material economicamente explorável, mas que não pode ser repostado ou cuja reposição poderá demandar um longo prazo. Segundo Mendes:

É que, tal como nos acostumamos a ver e fazer o desenvolvimento, o seu motor é o crescimento econômico. E a sua motivação é a satisfação de demandas humanas de caráter material. A essa luz (assim nos ensina a corrente central do pensamento econômico), a terra, ou natureza, é apenas um fator de produção, juntamente com o capital e o trabalho. Ou, mais precisamente, é um condicionante externo dos sistemas de produção. A ecologia é uma externalidade da economia (MENDES, 1993, p.15)

A ótica essencialmente economicista revela que a natureza funciona não só como despensa ou almoxarifado, mas como quarto de despejo, lata de lixo e esgoto,



para onde são jogados os detritos, dejetos e rejeitos, tanto os da produção como os do consumo. São os refugos do sistema econômico e da sociedade idólatra do consumo desenfreado e sem limites. E a capacidade da natureza para absorver, reciclar e transformar esse lixo está esvaindo-se gradativamente. Citando ainda Mendes: “[...] ou se conseguirá inventar um formato de desenvolvimento com preservação do meio ambiente, ou já não haverá meio ambiente nem desenvolvimento...”.

O desafio é político, além de ser científico e técnico. O novo modelo de desenvolvimento não mais poderá restringir-se à economia, mas deverá incorporar a ecologia. É a máxima do economicamente viável, mas ecologicamente correto. Nesse ponto é que começa a aprofundar-se o conhecimento da possibilidade de um desenvolvimento verdadeiramente sustentável. E não custa nada recorrer novamente ao autor:

O importante, em resumo, não é apenas promover alguma espécie de “desenvolvimento sustentável”, mas lutar pelo cinzelamento de uma “sociedade sustentável”. A racionalidade social substituindo a racionalidade econômica. A consciência coroando e superando a ciência. (MENDES, 1993, p.22. Grifo do autor)

O Econômico e o ecológico precisam e devem caminhar juntos. Economia e desenvolvimento são indispensáveis, mas com respeito à ética, à vida humana e ao meio ambiente. O novo desenvolvimento deve ser, além de sustentável, responsável. Sustentável porque responsável.

2. O aquecimento global:

Jack Hall não está sozinho. O britânico Terry Rapson (personagem vivido por Ian Holm) compartilha de suas crenças sobre o desastre climático, e os dois mantêm contato enquanto acontecimentos incomuns tomam conta do mundo e colocam em pânico a população: furacões aparecem em terra firme; ondas gigantescas “engolem” prédios em Nova York; pessoas na Escócia simplesmente são congeladas vivas em segundos. É o aquecimento global provocando o resfriamento global, por mais paradoxal que isso possa parecer. Hall já havia previsto essa reviravolta, mas não imaginava que ela viria tão cedo e de forma tão brusca. O resultado pode ser uma nova era glacial no planeta.

Como os cientistas do filme explicam tal multiplicidade de fenômenos físicos e climáticos? As pesquisas de Hall indicam que o aquecimento global pode disparar uma mudança abrupta e catastrófica no clima do planeta. As perfurações no gelo que ele efetuou na Antártida lhe mostraram que isso já aconteceu antes, há dez mil anos. Hall testemunha a separação de um pedaço de gelo de dimensões colossais das calotas geladas da Antártida. Então uma série de fenômenos meteorológicos cada vez mais austeros começa a ocorrer pelo globo terrestre. Um telefonema do Dr. Rapson confirma os temores de Jack: essas ocorrências climáticas severas são sintoma de uma mudança global maciça. O derretimento das calotas polares adiciona uma quantidade enorme de água doce nos oceanos e rompe o equilíbrio das correntes que estabilizam nossos sistemas climáticos. O aquecimento global acabou levando nosso planeta para uma nova Era Glacial.

Mas a última palavra é da Ciência. Como os cientistas avaliam o aquecimento global fenomenologicamente? É possível que ocorram precipitações climáticas tão catastróficas? Até que ponto “O Dia Depois de Amanhã” acena para a realidade e a partir de que ponto é mero ficcionismo catastrofista hollywoodiano? A diferença é que segundo os cientistas, o desenrolar dessa eventual tragédia levaria anos e não semanas para se concretizar. Ademais, para o exame da ciência, a possibilidade de tantos “estragos” acontecerem simultaneamente é muito remota, já que a natureza não responde em cadeia, mas sim gradualmente, passo a passo, assimilando e desdobrando os fenômenos em ritmo natural, não mecânico e automático como ocorre no filme.

Apesar de não ser baseado em fatos reais, há certo embasamento científico no filme. As tais correntes marinhas descritas no roteiro realmente existem e ajudam a manter a temperatura do Hemisfério Norte. O aquecimento terrestre e o “mal funcionamento” das condições climáticas são um fato. Em 2007 a Europa viveu seu verão mais forte. Enquanto estava em fase de pré-produção, o diretor e roteirista Roland Emmerich ficou sabendo da chuva de granizos do tamanho de laranjas, que chegou a matar 25 pessoas no Japão. Em um dos primeiros dias de filmagem, os Estados Unidos foi atingido por 75 tornados e enquanto filmavam no Canadá, atores e equipe técnica enfrentaram um inverno que tinha temperaturas 25 graus Celsius abaixo de zero. Tudo isso serviu de munição argumentativa para o roteiro do filme.

No entanto, o que se sabe é que a porção superior do Hemisfério Norte é habitável em parte devido à circulação das correntes oceânicas, que carregam a água quente dos trópicos para as regiões mais frias e, assim, elevam também a temperatura

atmosférica, porém, não se sabe até que ponto isso possa se projetar em termos de fenômeno global. O filme diz que o efeito cumulativo do aquecimento global faz com que a água doce e gelada das calotas polares altere o equilíbrio dos oceanos, "desligando" correntes importantes, como a do Golfo. Mas a ciência argumenta que: primeiro, uma ruptura tão veloz das correntes oceânicas é uma impossibilidade física, ainda mais porque acredita-se não haver mais água em volume suficiente nas calotas polares para provocar esse efeito. Depois, mesmo que as temperaturas despencassem de uma hora para outra, o frio resultante interromperia o processo de derretimento das calotas polares. Em síntese, o filme é política e ecologicamente correto, mas cientificamente distante da realidade.

No contra-fluxo da intransigente defesa da tese do aquecimento global como causa dos transtornos ambientais, há a teoria do resfriamento global. Segundo essa teoria, ao longo dos séculos há ciclos temporários de queda de temperatura precedidos por períodos de aquecimento, isto se deve à prolongada atividade solar. Esta teoria contraria a opinião da maioria das organizações de defesa ambiental, e boa parte da comunidade científica, ao defender que a atividade industrial não influencia de forma determinante no clima do planeta, que ao longo do século sofreu períodos de aquecimento e esfriamento, colocando assim o efeito estufa como um fator secundário e não determinante para o aquecimento global. Os ambientalistas refutam essa teoria que absolve o efeito estufa (provocado pelas emissões poluentes da indústria mundial e da liberação de CFC) da condição de réu e o capitalismo da condição de vilão da degradação planetária. Eles acham que essa teoria está a serviço do capital internacional e das nações economicamente hegemônicas e que os Estados Unidos seriam os principais interessados em patrocinar a difusão dessa teoria.

No entanto, os estudiosos que sustentam a teoria do resfriamento global contra-argumentam que entre 1645 e 1715 houve um resfriamento que afetou Europa, América do Norte e Groenlândia, e que coincidiu com a diminuição da atividade solar, período no qual os rios europeus Tâmis e Sena congelaram. Então, segundo esta hipótese, no século XVII a sociedade humana ainda não dispunha de todo aparato industrial que dispõe atualmente, mas, mesmo assim, sem poluição industrial, sem efeito-estufa, o fenômeno aconteceu. Para essa corrente de análise científica, esse é um fenômeno normal da natureza, que após um período de aquecimento, sempre experimenta outro de resfriamento. Essa corrente teórica prevê que entre os anos 2012 a 2015 a temperatura global da Terra iniciará uma lenta redução que alcançará os níveis mínimos entre 2055 e

2060. Segundo eles, esse período de resfriamento durará pelo menos cinquenta anos e que no século 22 a Terra começará novamente outra fase de aquecimento global.

3. “O Dia Depois de Amanhã”: Uma Leitura Crítica Concisa.

Enquanto película cinematográfica destinada ao entretenimento, o filme em pauta cumpre seu objetivo com inquestionável eficácia, mais pela forte impressão causada pela propagação, em ritmo quase alucinante em dados momentos, de imagens impactantes com virtuoso apuro técnico de efeitos visuais capazes de manter o espectador em posição estática em sua poltrona, do que pelo teor da mensagem da qual se faz meio.

A supervalorização do requinte da imagem ofusca e compromete o processo de apreensão da significação do texto. A intensa seqüência de cenas de caráter dantesco desvia a atenção do espectador da ação discursiva do texto para a mera conduta apreciativa das imagens. O ponto forte do filme é seu teor crítico-ideológico. O roteiro não perde a oportunidade de apresentar os problemas ambientais que o mundo hoje sofre, com ataques diretos às lideranças americanas que se recusam a participar de programas ecológicos.

Em nosso plano de análise, vale recordar Iluska Coutinho:

Para analisar uma imagem é preciso estabelecer um percurso que envolve algumas etapas ou procedimentos metodológicos. São eles a leitura, a interpretação e finalmente a síntese ou conclusão final. Um dos desafios da realização desse tipo de análise seria a necessidade de uma espécie de “tradução”, isto é, a transposição de códigos visuais em signos lingüísticos, já que a absoluta maioria dos trabalhos científicos deve ser apresentada no formato de texto. (COUTINHO, 2005, p.334. Grifo do autor)

Na tentativa de fazer uma leitura de “O Dia Depois de Amanhã”, pode-se depreender uma abordagem enfática da problemática ambiental, mas que é conduzida a um ponto tão extremado que a problemática humanista, intimista de cada personagem passa quase despercebida tal a intensidade com que os roteiristas carregaram no discurso ideológico com conotações até políticas com relação ao momento de crise por que passa o meio-ambiente. Por exemplo, pouco se sabe sobre a vida do auxiliar do pesquisador, cuja esposa embarca em férias com o filho para a Espanha, seu casamento, seus anseios, seus conflitos afetivos. Percebe-se muito tenuamente que Jack Hall tem problemas de relacionamento com seu filho devido à sua ausência no lar em função da

sua dedicação às suas pesquisas na Antártica. Apenas no final do filme a família foi vista reunida, e pouco se faz menção à família nos diálogos, e assim não se sabe, afinal, se Jack é casado e vive com a família ou se é separado da esposa. Esta, por sua vez, é uma médica dedicada que revela afeto e atenção maternal a um garoto portador paciente de leucemia, mas isso aconteceu em apenas três cenas do filme e não se toma conhecimento do que aconteceu posteriormente à criança. Logo, não é possível traduzir o que se passa com cada personagem, sua visão de mundo, sua história de vida, seus problemas íntimos. O foco da história é apenas o problema ambiental e os efeitos especiais se situam acima da vertente dramática. O drama, nesse caso, é a tragédia da humanidade, do coletivo predominando sobre o individual.

Ainda em COUTINHO (p.335): “Outro aspecto interessante a destacar na realização da análise de qualquer tipo de imagem seria a diferença entre percepção e interpretação”. A percepção é algo inato, restrito ao campo dos sentidos, é o que o filme mais chama a atenção, já que toma a imagem como essencial, sobrelevando-se aos diálogos. A interpretação requer envolvimento consciencial e afetivo com o(s) personagem(ens), é um processo de apreensão do conteúdo relacional do filme. Não é o que se dá em “O Dia Depois de Amanhã”, onde a atitude interpretativa se expõe como um exercício superficial, já que a cinética das imagens se sobrepõe ao conteúdo discursivo. Os diálogos são rápidos e curtos – justamente por causa do primado das imagens – exceto quando Jack Hall se encontra discutindo questões ambientais ou realizando discursos sobre as consequências do aquecimento global.

O seu discurso é ideológico e com forte conotação política, soando mais como um chamamento ou alerta para o engajamento do espectador com as preocupações ambientalistas, o que em hipótese alguma deixa de conferir critérios de validade ao trabalho.



4. Considerações Finais:

Enfim, ninguém sabe quem está com a razão. Só o tempo e a própria natureza darão a resposta devida. É certo inferir que “O Dia Depois de Amanhã” exagerou nas previsões catastróficas e apocalípticas, até mesmo por ser um filme que busca impressionar e faturar em cima de um assunto tão atual e na pauta de todas as discussões públicas, mas ao mesmo tempo prestou um serviço relevante porque convida os indivíduos à reflexão sobre o tratamento que está sendo dispensado ao planeta e sobre as repercussões que incidirão sobre a humanidade no futuro próximo ou distante.

Apesar dos pontos aqui levantados, o filme vale por causar polêmica, abrir o debate e chamar à reflexão sobre o nosso futuro comum.

5. Ficha Técnica do Filme:

Título original: The day after tomorrow

Diretor: Roland Emmerich

Roteiro: Roland Emmerich e Jeffrey Nachmanoff

Produção: Roland Emmerich e Mark Gordon

Elenco: Dennis Quaid, Jake Gyllenhaal, Emmy Rossum, Sela Ward, Ian Holm.

Duração: 120 minutos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MENDES, Armando Dias. Breve Itinerário dos Ecossistemas à Ecopoesia, In: BURSZTYN, Marcel (org). *Para pensar o desenvolvimento sustentável*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. *Nosso futuro comum*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1991, 289 pp.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem, In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antônio (organizadores). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 1ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2005, p. 330 a 344.